

Governo está sem diretrizes, diz Simonsen

RIO
AGÊNCIA ESTADO

O governo Sarney precisa adotar uma definição clara de política econômica, que mereça a confiança do empresariado, da sociedade e da comunidade internacional, o que também constitui condição essencial para a negociação com os credores da dívida externa.

A advertência é do ex-ministro Mário Henrique Simonsen, que hoje dirige a escola de pós-graduação em economia da Fundação Getúlio Vargas. "Qual é a política econômica do governo?" pergunta Simonsen. Ele mesmo responde que não sabe, é dúvida que alguém a conheça.

Para o ex-ministro, a inexistência de uma política econômica é um dos fatores que têm contribuído para aumentar as perspectivas de recessão, uma redução do ritmo das atividades econômicas não desejada pelo governo. Na opinião de Simonsen, os indícios de recessão já estão sendo sentidos em alguns setores do comércio, embora na indústria ainda não estejam sendo detectados. No conjunto da economia, até fevereiro, não há características definidas e claras de recessão, acrescenta.

Entretanto persiste a ameaça de recessão, segundo o ex-ministro, devido à perda de salário real, à cobrança a partir de abril do Imposto de Renda das pessoas físicas e por causa da compressão das importações. "Certamente o governo não se interessa em promover a recessão, mas a realidade é diferente", assinala Simonsen.

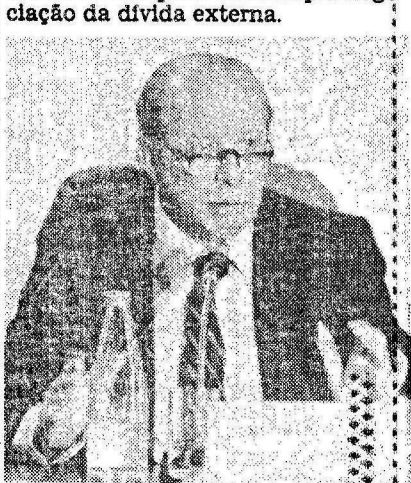
Simonsen não acredita na eficácia, para combater a recessão, das medidas aprovadas quinta-feira pelo Conselho Monetário Nacional, entre as quais o aumento das prestações do crediário e a destinação de maiores recursos às médias e pequenas empresas, a juros baixos. Para ele, são medidas de pequeno alcance e que não conseguirão suprir a falta de uma política econômica, tampouco a ameaça de recessão.

SEM PROPOSTAS

Na visão do ex-ministro Simonsen, o governo Sarney, ao contrário do que vem apregoando o ministro Dílson Funaro, não está dando demonstrações da disposição de negociar com os bancos credores o encaminhamento do problema da dívida externa. "O ministro da Fazenda manteve contatos com governos estrangeiros, mas não levou nenhuma proposta concreta para negociar o pagamento da dívida externa", destaca Simonsen.

Simonsen também qualifica de pura questão semântica a acusação feita pelo ex-presidente do Banco Central, Affonso Celso Pastore, de que o governo Sarney quebrou o País, o que ficou configurado com a declaração de moratória para o pagamento dos juros da dívida externa. "O verbo, nesse caso, é irrelevante. O que devemos levar em conta é que o governo Sarney herdou um saldo elevado de reservas cambiais, e acabou com elas mesmo tendo a seu favor a redução dos preços do petróleo e dos juros no mercado internacional", assinala.

O ex-ministro da Fazenda é de opinião que uma nova administração da área econômica teria de começar da estaca zero. Também teria, entre suas prioridades, de sentar-se à mesa para negociar com os credores externos, e essas providências deveriam ser tomadas simultaneamente. Simonsen também acha fundamental, para o melhor ordenamento da economia, a transformação do Banco Central em um banco verdadeiramente independente, sem subordinação ao governo, e a existência de um orçamento equilibrado, dois princípios que ele vem sustentando há muito tempo. Acredita que, se o governo assim procedesse, teria abertos os canais para uma ampla negociação da dívida externa.



Qual é a política?